

# Electricidade

**Director / Editor:** Dr. Eng.º  
Hermínio Duarte-Ramos

**Secretária / Secretary:** Eugénia  
Pimentel

**Redacção / News Editor:** Liberta  
Tavares

**Publicidade / Advertisement:**  
Maria Carvalho

**Propriedade / Publisher:**  
Empresa Editorial  
Electrotécnica Edel, Lda., Lisboa  
Contr. Fiscal n.º 500 504 318

**Administração, Redacção e  
Publicidade /  
Administration, Editorial and  
Advertising:**

Rua Dona Estefânia, 48 - 3.º,  
Esq. 1000-156 Lisboa  
Telef.: (351) 21 314 86 08;  
Fax: (351) 21 356 16 40

**Composição, Montagem e  
Impressão / Printing:**

OMNIGRÁFICA - Artes gráficas  
Rua do Norte, 27-CV - 2695-001  
Bobadela Loures  
Tel. 21 955 99 89  
Fax 21 955 98 93

**Tiragem / Circulation:** 4000  
exemplares, 80% em Portugal e  
20% no estrangeiro.

**Preço / Prices:** Portugal: Avulso  
650\$000 ou 3.2 euros (IVA incluído),  
6000\$00 ou 29.93 euros (IVA  
incluído); Abroad: Issue US\$ 13,  
Annual Subscription US\$ 130.

**Depósito legal:** 5472/84

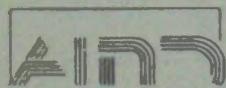
**Registo internacional:** ISSN  
0870-5364

**AUTORES:** Originais dactilo-  
grafados, com resumo em portu-  
guês e inglês, desenhos a tinta e  
legendas em todas figuras e  
quadros.

**RESPONSABILIDADE:** As  
opiniões expressas nos trabalhos  
assinados são da inteira respon-  
sabilidade dos seus autores.

**REPRODUÇÕES:** São proi-  
bidas quaisquer reproduções sem  
prévia autorização do Director  
e sem referência à revista  
ELECTRICIDADE.

**PROMOTOR:** Grupo EDP.



ASSOCIAÇÃO  
DA IMPRENSA  
NÃO DIÁRIA

**Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos**  
*Editor de ELECTRICIDADE*

## Viragem do Ano

Eis o último número da revista ELECTRICIDADE no ano de 1999. Cada fim de ano suscita momentos de reflexão, dentro de um salutar exercício de balanço da actividade passada, para imprimir algum alento ao trabalho futuro. As benesses climáticas em Portugal até parecem tornar natural esta pausa de reequilíbrio: os dias arrefecem, convidando ao recolhimento, mas sem toldar o encanto das manhãs soalheiras, o que fornece o necessário impulso energético para vencer os pessimismos friorentos.

Aqui estou, de facto, à mesa de pedra do Café Tinoco, com os originais desta edição entre mãos, após preparação nos últimos serões. E folheio o conteúdo: um interessante artigo sobre arqueologia industrial, seguido de uma nota acerca do último "Caderno" publicado pelo Museu de Electricidade; depois a segunda contribuição no estudo de segurança em zonas perigosas, um aspecto dos novos riscos contraditoriamente erguidos pelos avanços tecnológicos; surge então uma página de recensão dos derradeiros livros recebidos na Redacção no âmbito da electrónica e informática; até ao directorial despertado pela despedida a Macau como território administrativamente português; e a encerrar está a radiografia das publicações elaboradas durante 1999. Enfim, textos em que praticamente só transparece optimismo para o futuro num encontro de autores de livros técnicos – mas em Espanha. Sintomático de Portugal à beira da crise?

Há abundantes temas de reflexão nestas páginas. Isto sem contar com todas as infraestruturas do mecanismo editorial, a necessitar de urgentes reanimações, numa altura da vida em que estou a passar dos "sistemas de controlo" para os "sistemas de decisão", a nível profissional, e encontro tudo desorganizado pela rápida mutação das coisas. Nada se consolida. Nem sequer nada é nada. Disso terei de falar em melhor oportunidade.

Agora pretendo desfazer a aparente carência de significado na leitura da presente edição. É que acabei de encontrar um investigador universitário que me disse: "Mantenha, mantenha a saída da revista ELECTRICIDADE. Aí encontro matéria muito importante sobre Engenharia Electrotécnica em Portugal. Olhe, o número 63, por exemplo, dedicado às barragens da época, é um documento notável. Mas há mais: gostaria de ir à Redacção recolher todas as biografias que tem vindo a publicar sobre os homens que construíram o edifício electrotécnico". Tranquilizei-o com um projecto de publicar tudo e mais alguns originais mantidos na gaveta, bem sistematizados num livro. "Faça, faça isso", foi o desabafo espontâneo.

Tão feliz encontro deixou-me a pensar na pobreza deste País, que se chama Portugal. Refiro-me à "pobreza do conhecimento", surpreendentemente detectada pela OCDE no horizonte do século XXI. De facto, a pobreza não se medirá apenas em termos de dinheiro, mas também em termos de saber. E a utilização da língua portuguesa, pelos próprios portugueses, para debelar essa pobreza é angustiante, flageladora, incompreensível, inaceitável. Não haverá meios de despertar os poderosos do seu sono secular? Que se embalam pelos feitos históricos de um mundo já descoberto, mas que anestesiam a acção dentro de um paradigma de evolução dinâmica e enriquecedora. Não haverá maneira de evidenciar aos governantes o descalabro resultante da degradação da própria identidade nacional ao lançar a língua portuguesa, sem amparo, na máquina trituradora da hegemonia inglesa? Que embala os lunáticos da homogeneidade universal, disseminando a preguiça na diversidade, para aniquilar as mais valias minoritárias.

Calma. São reflexões. Nem tudo está perdido. Ainda. Mas, quem te avisa teu amigo é. E a irreversibilidade pode chegar mais cedo do que se julga. Valha-nos a força resistente de Timor. Como lição. Afinal de quem mal domina as nossas pepitas linguísticas. E quer enriquecer. Será possível, com quem está a empobrecer dia a dia?

A riqueza goza de uma propriedade singular, muitas vezes esquecida: é cumulativa. Para isso, exige recriação e também preservação. Se se cria mais, por um lado, e se destroi

o património erguido, por outro lado, o resultado poderá não ser suficientemente líquido. Ou seja, as novas adições devem sobreequilibrar as degradações naturais. É este o mecanismo de fortalecimento das sucessivas gerações na sociedade e na tecnologia. O rejuvenescimento não implica a desvalorização do envelhecimento. Há que encontrar o verdadeiro significado do enquadramento histórico.

Este processo sociológico repete-se em todos os interstícios societários. Portanto, não admira que ocorra na Engenharia Electrotécnica. Aí reside a nossa principal preocupação através desta obra periódica. Sair para a rua. Nem que seja no formato mínimo. Sim, sair, enquanto houver esperança de actualizar o projecto editorial ao ritmo do tempo. É isso. É isso mesmo.

Que bom seria preencher esta linha de tinta codificada numa singela mensagem de certeza: vamos fazer a revista que os Engenheiros Electrotécnicos merecem. Todavia, a liberalização do sector electrotécnico ainda está em curso, relegando para outros dias a decisão final. Até lá impera o espírito de guerrilha, a fuga para as montanhas. À espera de um referendo. Quem sabe?

Será que os Engenheiros Electrotécnicos querem que a revista ELECTRICIDADE prossiga? Sim ou não? Sem mais perguntas. Se o sim aparecer vitorioso, então a responsabilidade implicará a construção de um espaço modernizado. Talvez seja este o primeiro passo do sistema de decisão. Com tempo, veremos.

Entretanto, resta-nos lançar um olhar sobre as últimas páginas deste ano, com o Índice de Matérias 1999: automação (3 artigos de controlo), directorial (11 impressões), editorial (11 comentários), electrotécnica (11 formulações científicas e tecnológicas), história (8 intervenções retrospectivas), reflexões (10 caminhos do pensamento) e segurança (4 contributos para o bem-estar). Pouco? Muito? Mais? Tantas são as interrogações sem resposta. Para encher o próximo ano.

Direi ainda que disse o que escrevi devido ao calor do Sol, neste dia frio de Inverno, à mesa de pedra do Café Tinoco. Afinal, o quente e frio da vida em reflexão. Que acontece no fim do ano. Ao fazer o balanço de uma actividade rara. Cheia de contentamentos. Pelos votos que recebo. E por aqueles que não recebo – e se despejam por acaso: "Diga ao Director que faz uma revista magnífica". Bem hajam os Leitores. E muito Bom Ano 2000! **E**